



SINGULARIDADES DO FEMININO NA POÉTICA DE IRACEMA MACEDO[√]

RESUMO

Rajni Rodrigues MENDES*
Édimo de Almeida PEREIRA**

O discurso identitário feminino encontra na escrita de um número variado de autoras a sua melhor forma de expressão, a exemplo do que podemos verificar na obra de escritoras como as mineiras Henriqueta Lisboa e Adélia Prado. Contemporaneamente, outras poetisas como Maria Esther Maciel, ainda nas Minas Gerais, e a potiguar Iracema Macedo, têm-se valido da poesia como meio de manifestação da subjetividade feminina. Esta escrita feminina, paradoxalmente enquadrada à margem androcêntrica dos discursos dominantes até os nossos dias, também se desenvolve no campo teórico a partir das lições de Simone de Beauvoir e Virgínia Woolf. Em ambas as esferas, a teórica e a criativa, a escrita dessas autoras estabelece liames com áreas diversificadas do conhecimento. Assim, no presente trabalho pretendemos, propondo um diálogo entre a Literatura e a Psicanálise, pensar, a partir da elaboração estética que a poetisa Iracema Macedo imprime à sua obra, e na qual é possível identificar uma diversidade de formas de construção e de manifestação do discurso identitário feminino, a maneira pela qual a mulher vivencia o período do seu desenvolvimento sexual infantil denominado por Sigmund Freud como Complexo de Édipo.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Psicanálise. Gênero. Complexo de Édipo. Iracema Macedo.

1 INTRODUÇÃO

A Psicanálise sempre se serviu da Literatura, desde Sigmund Freud, como nos aponta a professora e psicanalista Stetina Trani de Meneses e Dacorso no artigo nomeado **Psicanálise e crítica literária** (2010). O pai da Psicanálise, durante a elaboração de suas teorias sobre a subjetividade humana, segundo esta autora, utilizou-se de exemplos colhidos no campo das artes para realizar uma série de

[√] Artigo recebido em 01 de março de 2016 e aprovado em 10 de junho de 2016.

* Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail:<raj_rodrigues@yahoo.com.br>.

** Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professor do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail:<edimopereira@pucminas.cesjf.br>.

articulações com os conceitos psicanalíticos. Por outro lado, a Literatura, conforme também afirma Dacorso (2010), utiliza-se da Psicanálise, “[...] seja na construção de seus textos, seja na forma de crítica literária” (DACORSO, 2010, p.147). Tais assertivas nos permitem, portanto, pensar na possibilidade de entrelaçamento entre esses dois saberes.

O presente artigo pretende –partindo da proposta de estabelecimento de um diálogo entre a Literatura e a Psicanálise – buscar, com base na poesia de Iracema Macedo, uma maior compreensão sobre o modo pelo qual a mulher vivencia o período de desenvolvimento sexual infantil, denominado por Sigmund Freud – o pai da Psicanálise – como complexo de Édipo.

Iracema Maria de Macedo Gonçalves da Silva nasceu na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, em 27 de Junho de 1970. Atua como professora de Filosofia no Instituto Federal Fluminense, IFF – Cabo Frio, no estado do Rio de Janeiro. Licenciou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 1991. Concluiu mestrado na mesma área na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 1995, e defendeu tese de doutorado também em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no ano de 2003. A autora publicou, até o momento, três livros de poemas, quais sejam, **Lance de dardos**, Edições Estúdio 53, Rio de Janeiro (2000); **Invenção de Eurídice**, Editora da palavra, Rio de Janeiro (2004) e **Poemas inéditos e outros escolhidos**, Sebo vermelho edições, Natal (2010).

A Psicanálise, com seu arcabouço teórico e técnico, busca compreender àqueles “[...] indivíduos humanos que, mediante a posse de genitais femininos, são caracterizados como manifestamente ou predominantemente femininos” (FREUD, 1969, p.144). Porém, Freud adverte:

De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir – mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança [...]” (FREUD, 1969, p.144).

Por outro lado, é possível verificarmos, analisando o quadro estético presente na escrita de Iracema Macedo, a configuração de diferentes poéticas acerca do feminino, instauradas pela escritora a partir de seu fazer literário, o que nos permite tomá-lo como meio de manifestação das diferentes maneiras de construção e de

expressão do discurso identitário da mulher. No entanto, mediante essa anunciada diversidade poética, cabe-nos evidenciar que, no presente trabalho, faremos um recorte em torno da temática acerca da maneira pela qual a mulher vivencia o complexo de Édipo.

Inserido no espaço de reflexão estabelecido a partir das Linhas de Pesquisa Literatura Brasileira: tradição e ruptura e Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos, ambas do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF), tal abordagem não se pretende totalizante nem estanque, o que equivale a afirmar que não desejamos anular a possibilidade de que, futuramente, possam surgir outros caminhos que conduzam ao entrelaçamento da Literatura e da Psicanálise.

2 PARA PENSAR A MULHER: LITERATURA E PSICANÁLISE

Ao nascer, de acordo com o que afirma Angela Maria Resende Vorcaro, em trabalho intitulado **A criança na clínica psicanalítica** (1997), o bebê humano “[...] emerge no que lhe é estrangeiridade radical, abaladora dos fundamentos do organismo” (VORCARO, 1997, p.71). A psicanalista e professora Leila Guimarães Lobo de Mendonça no artigo a que deu o título de **Fazer das tripas coração: a vivência do infantil como abertura à fraternidade no mundo atual** (2013), acrescenta que a frágil criança, ao deixar a barriga da mãe, é invadida por inúmeros estímulos advindos tanto do meio externo quanto àqueles que se encontram no interior do seu próprio corpo e, por ser pequena e indefesa, não é capaz de realizar uma ação específica que possa combater as demandas que a cercam. Assim, como nos aponta a referida autora, o infante não tem condições de sobreviver por si só e a presença do outro torna-se indispensável. Um outro que, segundo Mendonça (2013), promove toda uma série de cuidados para com aquele que acabou de nascer. Esta função é, geralmente, exercida pela mãe. É neste momento que, segundo afirma Freud, é estabelecida a primeira relação de amor da criança com a mãe. Tal fato é comum tanto para a menina quanto para o menino. De acordo com o que anuncia o referido teórico, esta relação,

“[...] em diversos casos, durará até os quatro anos de idade – em determinado caso, até os cinco – de maneira que abrangerá, em muito, a parte mais longa do período da primeira eflorescência sexual” (FREUD, 1931/1974, p.260).

É importante salientar que Freud nomeou de fase pré-edípica esse período em que a criança encontra-se estritamente vinculada à mãe,

No que diz respeito à criança do sexo masculino, como observou Freud (1974), o primeiro objeto amoroso desta foi e continua sendo a mãe e, ainda de acordo com o Pai da Psicanálise, “[...] com a intensificação de seus desejos eróticos e sua compreensão interna mais profunda das relações entre o pai e a mãe, o primeiro está fadado a se tornar seu rival” (FREUD, 1974, p.259), momento em que se instaura o que é considerado uma noção central em Psicanálise, o Complexo de Édipo.

Elisabeth Roudinesco e Michel Plon no **Dicionário de Psicanálise** (1998), afirmam que a “[...] noção de Complexo de Édipo formulada por Freud e presente em sua obra desde 1897 até 1938 tem por mito fundador a história de Édipo, filho de Laio e Jocasta” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 166).

Referindo-se ao mencionado mito de Édipo, Roudinesco e Plon (1998), narram que,

Para evitar que se realize o oráculo de Apolo, que lhe previra que seria morto pelo filho, Laio entrega seu menino recém-nascido a um criado, para que ele o abandone no monte Citéron, depois de lhe transpassar os pés com um prego. Em vez de obedecer, o criado confia o menino a um pastor de ovelhas, que em seguida o entrega a Pólipo, rei de Corinto, e à mulher deste, Merope, que não tem descendentes. Eles lhe dão o nome de Édipo (*oidipos*: pés inchados) e o criam como seu filho, Édipo cresce e ouve rumores que dizem que ele não seria filho de seus pais. Por isso, dirige-se a Delfos para consultar o oráculo, que de pronto lhe responde que ele matará o pai e desposará a mãe. Para escapar a essa previsão, Édipo viaja. Na estrada para Tebas, cruza por acaso com Laio, a quem não conhece. Os dois homens brigam e Édipo o mata. Nessa época, Tebas vinha sendo aterrorizada pela Esfinge, monstro feminino alado e dotado de garras, que mata todos aqueles que não decifram o enigma que ela propõe sobre a essência do homem: “Quem é aquele que anda sobre quatro pés, depois, sobre dois e, depois, sobre três?” Édipo dá a resposta certa e a Esfinge se mata. Como recompensa, Creonte, o regente de Tebas, dá-lhe por esposa sua irmã, Jocasta, com quem ele tem dois filhos, Eteoclés e Polinices, e duas filhas, Antígona e Ismene. Os dias passam. Um dia, a peste se abate sobre Tebas. O oráculo declara que os flagelos desaparecerão quando o assassino de Laio tiver sido expulso da cidade. Édipo pede então a todos que se manifestem. Tirésias, o adivinho cego, conhece a verdade, mas se recusa a falar. Por fim, Édipo é informado de seu destino por um mensageiro de Corinto, que lhe anuncia a morte de Pólipo e lhe conta como ele próprio, no passado, havia recolhido um menino das mãos do pastor para entregá-lo ao rei. Ao saber da verdade, Jocasta se enforca. Édipo vaza os próprios olhos e em seguida se exila em Colono com Antígona, enquanto Creonte retoma o poder (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.166-167).

Sigmund Freud utiliza a compreensão que obteve da leitura do mito de Édipo para pensar a relação da criança com as figuras parentais experienciada por esta em um momento do próprio desenvolvimento sexual infantil.

O Complexo de Édipo, como nos esclarecem Roudinesco e Plon (1998),

[...] está ligado à fase (estádio) fálica¹ da sexualidade infantil. Aparece quando o menino [...] começa a sentir sensações voluptuosas. Apaixonado pela mãe, ele quer possuí-la, colocando-se como rival do pai, outrora admirado. [...] O complexo de Édipo desaparece com o complexo de castração²: o menino reconhece então na figura paterna o obstáculo à realização de seus desejos. Abandona o investimento feito na mãe e evolui para uma identificação com o pai, a qual lhe permite, mais tarde uma outra escolha de objeto e novas identificações: ele se desliga da mãe (desaparecimento do complexo de Édipo) para escolher um objeto do mesmo sexo (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.168).

Neste sentido, ainda de acordo com os teóricos acima mencionados, podemos compreender que o Complexo de Édipo é “[...] a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.166). Esse momento é experienciado por todo infante.

Freud, em uma carta de 15 de outubro de 1897, dirigida a Wilhelm Fliess, revelou a crença que possuía na universalidade da experiência inconsciente tratada por Complexo de Édipo. Sigmund assim se expressou:

Encontrei em mim, como em toda parte, sentimentos amorosos em relação à minha mãe e de ciúme a respeito de meu pai, sentimentos estes que, penso eu, são comuns a todas as crianças pequenas, mesmo quando seu aparecimento não é tão precoce [...] (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.166-167).

Porém, a menina, como nos aponta o Pai da Psicanálise, vivencia o período do seu desenvolvimento sexual infantil, nomeado Complexo de Édipo, de maneira diferente daquela experienciada pela criança do sexo masculino. “[...] Nas meninas,

¹Trata-se por fase fálica, segundo Freud (1924/1969), o momento do desenvolvimento sexual infantil em que o órgão genital masculino adquire toda a atenção do infante.

²Conforme Roudinesco e Plon (1998), “Sigmund Freud denominou complexo de castração o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 105).

o Complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos [...]” (FREUD, 1925/1976, p.312), hipótese que nos convida a tecer algumas considerações.

Com efeito, o caminho que conduz as meninas ao Complexo de Édipo propriamente dito, e já definido anteriormente, tem início, como observou Freud (1925/1976), com uma momentosa descoberta que elas estão destinadas a fazer. De acordo com Sigmund Freud, nesse sentido,

Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis (FREUD, 1976, p.313).

Ocorre que, ao constatar tal diferença anatômica entre os sexos, a menina, como afirma Freud (1925/1976), toma sua decisão num instante: ela viu o pênis, sabe que não o tem e deseja tê-lo. Sendo assim, o sujeito do sexo feminino “[...] reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade [...]” (FREUD, 1974, p.264).

No campo da Literatura, um pequeno trecho de um poema da escritora Iracema Macedo, intitulado **Oração a São Miguel Arcanjo**, serve de ilustração para a afirmação aqui exposta, quando então o eu poético se expressará conjeturando que

Se houver perigo esta noite,
preciso que me abrigues
[...]
Se houver perigo esta noite,
não penses que sou forte
só porque vivo só
e conheço toda a ilha
e domino palavras e com elas
construo armas e escudos
Se houver perigo,
preciso que sejas meu pai
forte, amigo,
afastando com a espada os inimigos
Preciso que pises sobre meu terror
como pisarias mansamente
sobre um demônio adormecido.
(MACEDO, 2004, p.47).

Da leitura do poema depreendemos que o eu poético, possivelmente uma mulher, apesar de conhecer toda a ilha e possuir o domínio das palavras, construindo com elas armas e escudos, no momento do perigo, precisa do homem, ser superior que detém o poder para afastar os inimigos e pisar sobre o terror,

enquanto que a voz feminina, criatura frágil, não é supostamente forte o bastante para enfrentar a ameaça que a assusta e se recolhe buscando no ser viril o abrigo. Poderíamos verificar, então, que na criação poética ora mencionada, o homem é representado como um ser poderoso e a mulher como uma subjetividade meramente indefesa.

A mulher, como afirma Freud (1974), ao se deparar com o fato indesejado de não possuir, como o homem, o pênis, ou em outras palavras, o falo – termo também encontrado na teoria psicanalítica, pode ter ainda “[...] a esperança de algum dia obter um pênis, apesar de tudo, e assim tornar-se semelhante a um homem [...]” (FREUD, 1976, p.314).

O teórico prossegue afirmando que a menina

[...] aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião, Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, freqüentemente, persiste como fator formativo por longos períodos. Esse “complexo de masculinidade” nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta (FREUD, 1974, p.264).

Nesse sentido, vale conferirmos um verso de um outro poema de Iracema Macedo, composição a que a autora deu o título de **Canção da mulher que virou barco**, o qual poderia servir de exemplo para a afirmação freudiana anteriormente considerada. O eu poético expressa-se da seguinte forma:

Transgrido tantas leis
que já nem sinto
Entro em um mar de águas-vivas
que ardem, ardem, ardem
mas nem doem
parece que me alisam
com seus pelos frágeis.
[...]
(MACEDO, 2010, p.43)

Ao considerarmos a observação de Freud no sentido de que, em alguns casos, a esperança de obter um pênis permanece em algumas mulheres, podemos compreender que o sujeito do sexo feminino, neste momento, ignora o fato de ser castrado e deseja possuir um órgão sexual que falta em si e pertence àquele do

sexo oposto. Tal pensamento pode ser ilustrado com a passagem do verso acima: “Transgrido tantas leis/ que já nem sinto [...]” (MACEDO, 2010, p.43).

Uma outra consequência decorrente da inveja da menina em relação ao pênis parece ser “[...] um afrouxamento da relação afetuosa da menina com seu objeto materno”, uma vez que “[...] a mãe da menina, que a enviou ao mundo assim tão insuficientemente aparelhada, é quase sempre considerada responsável por sua falta de pênis” (FREUD, 1976, p. 316). Ainda segundo as observações freudianas,

A forma pela qual isso historicamente ocorre consiste, com freqüência, no fato de que a menina, logo após ter descoberto que seus órgãos genitais são insatisfatórios, começa a demonstrar ciúmes de outra criança, baseando-se em que sua mãe gosta mais dessa criança do que dela, o que serve de razão para ela abandonar sua ligação com a mãe (FREUD, 1976, p.316).

Desse modo, a menina, direcionando sentimentos de hostilidade à mãe, troca, conforme Freud (1974), o seu objeto de amor original, ou seja, substitui a mãe pelo pai. Contudo, é válido enfatizar as lições freudianas no sentido de que “[...] a intensa dependência de uma mulher quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe [...]” (FREUD, 1974, p.261). Neste momento, ocorre de a criança do sexo feminino desejar “[...] assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai”(FREUD, 1976, p.223). Tal etapa do desenvolvimento sexual infantil da mulher pode ser depreendida a partir da leitura de um trecho do poema **Fragmento do diário de Cosima**, de Iracema Macedo.

A partir de agora,
serei a única guardiã de seus mistérios
Ele me convida a caminhar dentro da noite
e me leva pela mão como uma filha.
(MACEDO, 2004, p.41)

Considerando os versos “A partir de agora/ serei a única guardiã de seus mistérios [...]” (MACEDO, 2004, p.41), evidenciamos o desejo do eu poético em ser de alguém de singular importância para a voz masculina presente no poema, à mesma maneira como a menina, em uma relação amorosa com o pai, deseja ser para este a única mulher em sua vida.

Levando em conta os ensinamentos de Sigmund Freud ora em discussão podemos perceber que, ao tomar o pai como objeto de amor, a menina encontra o caminho para a forma feminina do Complexo de Édipo. A criança do sexo feminino,

dessa maneira, coloca-se frente ao desafio de abandonar o clitóris, originalmente constituído como sua principal zona genital, em favor da vagina, como nova zona sexual principal.

Nessa linha de pensamento, Freud nos esclarece que

Um homem [...] possui apenas uma zona sexual principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino. Acreditamos que estamos justificados em supor que, por muitos anos, a vagina é virtualmente inexistente e, possivelmente, não produz sensações até a puberdade. [...] Nas mulheres, portanto, as principais ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris (FREUD, 1974, p.262).

Desse modo, segundo argumentos de Freud (1931/1974), a mudança que ocorre com o próprio sexo da mulher – como citado acima – corresponde a uma mudança no sexo de seu objeto de amor. Entretanto, a renúncia ao pênis, nos termos apontados por Sigmund Freud (1976),

[...] não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho (FREUD, 1976, p.223).

Estes aspectos teóricos podem ser ilustrados pelos versos de um fragmento do poema **A terra e o fogo** da poetisa de Natal, no qual o eu poético se manifesta dizendo:

Terra úmida que sou
E tua voz me fecunda
Abre fendas em mim
Por onde os meninos vão nascer.
(MACEDO, 2010, p.15).

Os versos do poema em questão revelam uma possível preparação para o nascimento de infantes e, assim, podem servir para exemplificar a fase do desenvolvimento sexual infantil da mulher na qual a menina deseja dar ao pai um filho.

No entanto, como nos demonstra Freud (1976), à medida que o desejo da menina em dar à luz uma criança do pai não se vê concretizado, somos levados à impressão de que o Complexo de Édipo é gradativamente abandonado. Mas, Freud

adverte: “Os dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior” (FREUD, 1976, p.223-224).

Tomaremos por base o poema **Treliças**, para ilustrar tais aspectos. Nestas linhas da lírica de Iracema Macedo, o eu poético, de feições possivelmente femininas, expõe:

Acabei o namoro com teus olhos
O que esperar da luz entre treliças?
Chove a cântaros em Vila Rica
e a janela está fechada há séculos
De que adianta te encontrar nas ruas?
Terminei o namoro com tua alma
Cortei as cordas desta lira
Havia pássaros entre nós dois
segredos escorriam sem paz
pelas águas perdidas
Mas agora há sossego afastando nossas vidas
Chove, chove a cântaros em Vila Rica
e nunca mais molharemos os sonhos
na mesma bica.
(MACEDO, 2010, p.60).

O eu poético termina um relacionamento; de maneira semelhante, o ser do sexo feminino, como já citado, pode ir aos poucos abandonando a fase do seu desenvolvimento sexual infantil conhecida por Complexo de Édipo. Seria, então, o momento em que a menina romperia aquilo que terá sido um namoro com o pai?

Sigmund Freud, em seu artigo **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos** de 1925, conclui que,

Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, os seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres. (FREUD, 1925/1969, p.319).

As tentativas de Freud para compreender a feminilidade o conduziram para um campo obscuro e enigmático, sendo que suas explorações em torno deste assunto apresentam um caráter inacabado. Todavia, de acordo com a ressalva feita por Angela Maria Menezes de Almeida no artigo intitulado **Feminilidade – caminho de subjetivação** (2012), não podemos deixar de levar em consideração que as descobertas de Freud acerca da subjetividade feminina revelam-se de importância

ímpar para novos postulados e construções sobre este tema, defendidos por diversos autores até os tempos atuais.

O presente trabalho procurou abordar a maneira pela qual a mulher vivencia o período de seu desenvolvimento sexual infantil denominado complexo de Édipo e buscou na produção poética de Iracema Macedo contribuições para a reflexão que foi aqui proposta, estabelecendo, assim, um possível diálogo entre a Psicanálise e a Literatura.

Na conferência que realizou em 1933, intitulada **Feminilidade**, o Pai da Psicanálise afirmou o seguinte:

Isso é tudo o que tinha a dizer-lhe a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário [...] Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes (FREUD, 1969, p.165).

Ressaltamos que, a par da complexidade que caracteriza a feminilidade, nos moldes acima apontados por Sigmund Freud, este artigo discute o conceito tão somente a partir do Complexo de Édipo, conforme anteriormente afirmado, sendo certo que a feminilidade permanece como matéria prima a servir aos estudiosos e aos poetas como elemento que os incita à reflexão teórica e à criação estética.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração estética que a poetisa de Natal Iracema Macedo imprime à sua obra literária permite torná-la um meio de manifestação de diferentes poéticas acerca do feminino.

A Psicanálise, por sua vez, com o seu arcabouço teórico e técnico, empenha-se em indagar como é que a mulher se desenvolve desde a criança e, como ponto central para tal reflexão, propõe que um sujeito se constitui não só, mas também, a partir da maneira como experiência as fases do seu desenvolvimento sexual infantil.

O presente trabalho procurou demonstrar o quão possível é a utilização da Literatura em harmônica articulação com os conceitos psicanalíticos. Sendo assim,

procuramos investigar e analisar, sob o viés da Psicanálise, a produção poética de Iracema Macedo, propondo, dessa maneira, um diálogo entre os respectivos campos, de maneira a pensar sobre o modo pelo qual a mulher vivencia o período da sua sexualidade infantil denominado complexo de Édipo.

Provavelmente, os psicanalistas posteriores a Freud, tendo por base os pressupostos teóricos elaborados pelo Pai da Psicanálise, mas procurando avançar um pouco adiante no caminho da ciência, aprofundarão cada vez mais as explorações acerca da feminilidade. Esse aspecto abre para outros pesquisadores a viabilidade para darem continuidade às reflexões que abordamos nos limites do presente artigo, o que vale a afirmarmos que não anulamos a possibilidade de que, futuramente, possam surgir outros questionamentos, outras reflexões psicanalíticas acerca da subjetividade feminina e outras leituras críticas da obra publicada por Iracema Macedo.

THE SINGULARITIES OF THE FEMININE IN THE POETRY OF IRACEMA MACEDO

ABSTRACT

The female identity discourse finds in the writing of a varied number of authors its best form of expression similar to what we can see in the work of writers such as Henriqueta Lisboa and Adelia Prado, both from Minas Gerais. Contemporaneously, other poets like Maria Esther Maciel, also in Minas Gerais, and from Rio Grande do Norte, Iracema Macedo, have made use of poetry as a way of female subjectivity manifestation. This feminine writing paradoxically framed at the androcentric margin of dominant discourses to this day, it is also developed in the theoretical field from Simone de Beauvoir lessons and Virginia Woolf. In both spheres, the theoretical and creative, the writing of these authors establish bonds with different areas of knowledge. In the present work we intend to propose a dialogue between literature and psychoanalysis, to think, from the aesthetic development that the poetess Iracema Macedo prints in her work, and in which it is possible to identify a variety of forms of construction and manifestation from the female identity discourse, the way in which the woman experiences the period of their infantile sexual development called by Sigmund Freud Oedipus complex.

Keywords: Brazilian Literature, Psychoanalysis. Genre. Oedipus complex. Iracema Macedo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. Feminilidade – caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte. Círculo Brasileiro de Psicanálise, n. 38, dez. 2012. p. 29-44.

DACORSO, Stetina Trani de Meneses e. Psicanálise e crítica literária. **Estudos de Psicanálise**. Aracaju. n.33, jul. 2010. p.147-154.

FREUD, S. (1933 [1932]). **Feminilidade**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXII.

_____ (1924). **A dissolução do complexo de Édipo**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX. p. 215-224.

_____ (1925). **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX.p.303-320.

_____ (1931). **Sexualidade feminina**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI. p. 257-279.

MACEDO, Iracema. **Invenção de Eurídice**. Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2004.

_____. **Poemas inéditos e outros escolhidos**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2010.

MENDONÇA, Leila Guimarães Lobo de. Fazer das tripas coração: a vivência do infantil como abertura a fraternidade no mundo atual. **Revista Epos**. Rio de Janeiro.vol. 4, n.2, dez.2013. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2013000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 2016.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

VORCARO, Angela Maria Resende. **A criança na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.